

# O caso Roger Abdelmassih

Gabriela Lima Tunes

“O caso Roger Abdelmassih foi escolhido pois é um caso que há 8 anos repercute em todo o Brasil. Recentemente, ele voltou a ser falado e novas decisões foram feitas a respeito”

-Gabriela Tunes

Roger Abdelmassi, um dos mais famosos médicos especialistas em fertilização *in vitro* do Brasil, começou a ser investigado em 2009, pela Delegacia de Defesa da Mulher e pelo Ministério Público do Estado de São Paulo por ser suspeito de praticar crimes sexuais contra mulheres. Entre elas, estavam oito ex-pacientes e uma ex-funcionária, que acusaram o médico de abuso sexual. O caso repercutiu a partir do momento que a notícia foi publicada na *Folha de São Paulo*, pela jornalista Lilian Christofolletti, em 9 de janeiro de 2009. A partir de então, a imprensa começou a se envolver no caso e teve um importante papel nas investigações.

9 de janeiro de 2009, a *Folha de São Paulo* lança a seguinte notícia: “Médico é investigado por supostos crimes sexuais”. A notícia, de autoria da jornalista Lilian Christofolletti, foi a primeira a iniciar um caso que dura até hoje.

Roger Abdelmassih, com 65 anos na época, era um dos médicos mais famosos, de fertilização, do Brasil. Residente em São Paulo, sua clínica ficava em um dos bairros mais nobres da cidade, o Jardins, e faturava aproximadamente 2 milhões de reais por mês. Além disso, o médico era responsável por ter dado a vida a mais de 5 mil crianças e por ter sido um dos primeiros médicos a implantar esse tipo de fertilização no país.

De acordo com a jornalista, mulheres entre 30 e 40 anos, casadas, sendo oito delas pacientes e uma funcionária, fizeram uma denúncia ao Ministério Público acusando o médico de molestá-las.

Apesar de a notícia ter sido publicada em janeiro, as investigações começaram em maio do ano anterior, acompanhadas pelos promotores José Reinaldo Carneiro, Luiz Henrique Dal Poz e Roberto Porto. Segundo eles, a denúncia foi feita sem provas e assim seguiu as investigações. Porém, tais depoimentos eram o suficiente para denunciar Abdelmassih à justiça.

Quando viu que a notícia de sua acusação havia saído na *Folha*, o médico foi se explicar para poupar a sua imagem.

Em entrevista, ele disse que era inocente. As acusações feitas a ele foram feitas por mulheres insatisfeitas com o trabalho do médico, tanto que, a maioria delas era mulheres que não conseguiram engravidar após o tratamento.

Em suas palavras, Abdelmassih disse: “Não sou louco. Se sou alguém querido e a pessoa quer se irritar, quer entender que houve algo que não existiu, não posso fazer nada. Seis, sete mulheres [que acusam]? Tenho 20 mil pacientes que se submeteram à fertilização in vitro, são 7.500 crianças nascidas. Vou levar um caminhão de testemunhas.”

O crime acusado na época foi de atentado ao pudor, crime de estupro, o que poderia levar a até 10 anos de pena. Porém, o médico ainda não havia sido ouvido para se defender, tendo sido a sua entrevista à *Revista Folha* a sua primeira oportunidade de defesa.

Descobriu-se que essa denúncia escandalosa não havia sido a primeira feita contra ele. Em setembro de 2008, o Ministério Público havia feito uma denúncia protegendo duas vítimas que disseram ter sido assediadas nove anos antes, em 1999. Todavia, tal denúncia havia sido negada pela juíza Kenarik Boujikian Felipe, que alegou que o Ministério Público não possui poder de investigação. Sendo assim, no mesmo dia, a juíza enviou o caso à polícia, que passou então a investigar junto com a Promotoria.

Os promotores estavam com muita dificuldade de convencer as vítimas a depor. Apenas seis delas conversaram com a Promotoria mas de forma a não publicar a conversa como forma de denúncia.

Porém, mesmo elas não querendo acusar o médico, a *Folha* conseguiu o depoimento de três mulheres, sendo que duas não quiseram depor à polícia, mas deporaram à imprensa.

Segue os depoimentos:

“Aconteceu no dia em que fui implantar os embriões. Estava na sala de recuperação, me arrumando para sair, quando o dr. Roger entrou, me abraçou e disse que tinha pena por meu marido não estar lá. Ele me deu um selinho na boca, eu me afastei. Demorei para entender o que estava ocorrendo, mas aí ele prendeu o rosto com as mãos e passou a me beijar à força. Juntei as forças que tinha e gritei. Ele se assustou e deixou o quarto. Eu carregava cinco embriões em meu útero, não poderia abandonar a chance de ser mãe, mas não queria voltar. Fiquei pensando se tinha culpa, se tinha dado alguma abertura a ele. Não contei ao meu marido e voltei na clínica. Xinguei, quebrei coisas. Ele ficou impassível. Nunca mais voltei nem tentei mais engravidar. Foi o fim do sonho de ser mãe.” -Cláudia, Executiva, 49 anos na época

“À medida que despertava, me vi sentada na maca, escorada pelo médico, que me dizia para continuar beijando-o na boca. Uma das mãos dele estava no meu peito, por dentro do avental cirúrgico. Depois, apaguei de novo.”- Bruna, Executiva, 40 anos na época

“Em agosto de 2006, outra ex-paciente, Vera, 34, foi à 2ª Delegacia de Defesa da Mulher de SP registrar boletim de ocorrência contra o médico por ‘importunação ofensiva ao pudor’. Vera diz que estava na sala de Abdelmassih, se despedindo, quando ele ‘tentou beijá-la à força’. Afirmou que o médico agia de ‘forma natural e perguntava o motivo de ela suar frio’. Como Cláudia, Vera também não parou o tratamento, porque já estava na fase de implantação dos embriões, mas exigiu que fosse supervisionado por outro médico na mesma clínica. Ela conseguiu engravidar.” -Trecho da matéria de Lilian, da Folha.

Assim, Roger teve também direito à defesa, e disse que se lembrava do caso de Vera, mas que ela deu um beijo nele de agradecimento, ao descobrir que estava grávida, e não que ele a beijou a força. Da mesma forma, se questionou: “se alguém é vítima de assédio, continua o tratamento?”

O médico também teve direito a se defender para a *Folha*, já que ela havia publicado tudo isso. Ele disse que não poderia opinar a respeito das acusações de Cláudia porque não teve acesso aos reais depoimentos. “Não sei quem são essas mulheres e nem porque estão dizendo isso”. No caso de Bruna, ele se defendeu: “como vou saber se de fato é uma ex paciente?”.

Percebida a repercussão do caso na mídia, o médico aceitou dar uma entrevista, ainda à *Folha*.

Ele recebeu o representante do veículo no escritório de seu advogado e lá esclareceu tudo o que tinha para dizer. Em sua defesa, começou falando um pouco de sua vida, tentando mostrar que era um homem bom, um pai de família, uma pessoa que havia perdido a mulher há pouco tempo e um médico que estudou muito para chegar onde estava, sendo então incapaz de fazer tudo o que as mulheres haviam contado à *Folha*, aos promotores e à Polícia.

Da mesma forma, ele acrescentou a opressão que sofria da mídia. Criaram um blog para falar mal dele e de tudo o que ele havia feito. Além do mais, amigos, médicos e jornalistas, meses depois da publicação do blog, começaram a receber e-mails falsos sobre o

médico. Ele se perguntava sobre a vontade das pessoas de quererem lhe machucar, e afirmava que só faziam isso para demonstrar insatisfação (talvez porque não engravidou), e também como forma de concorrência: destruir o melhor para o outro se dar bem. Assim, ele continuou afirmando a sua inocência e alegando que confiaria na justiça para o resultado da mesma.

Em meio à tantas acusações, o jornalismo tornou-se um meio de encorajar outras vítimas a depor. No total, 39 mulheres, durante toda a investigação, disseram terem sido vítima do mesmo homem, todas sempre com histórias bastantes parecidas às das mulheres das denúncias iniciais.

Logo, em 19 de agosto de 2009, o juiz da 16 Vara Criminal de São Paulo, Bruno Paes Stanforini, decretou a prisão do médico. Porém, 4 meses depois, o ministro do STF, Gilmar Mendes, soltou o médico após ter concedido na véspera habeas corpus revogando a prisão preventiva.

**Porém**, quase um ano depois, em 23 de novembro de 2010, o médico foi preso novamente por meio de um decreto da mesma juíza que, no começo do caso, havia negado a denúncia ao médico. Assim ele foi acusado de 56 estupros, resultando em uma prisão de 278 anos.

**Porém**, outra vez o Ministro Gilmar Mendes concedeu o direito de liberdade do médico. Solto, ele foi descoberto em 2011 tentando renovar o seu passaporte, fazendo a justiça desconfiar que ele queria fugir do Brasil. Todavia, quando foram prendê-lo já era tarde, o médico havia fugido do país, mas ninguém sabia para onde.

Havia suspeitas de que ele estaria no Paraguai ou no Uruguai e que de lá iria para o Líbano, país com qual o Brasil não tem tratado de extradição e que, assim, não teria como a polícia capturar o médico.

As buscas prosseguiram durante três anos. A polícia procurava, a imprensa noticiava. Enquanto a Polícia tentava capturá-lo, o jornalismo fazia a mesma coisa anunciando qualquer tipo de novidade sobre o caso e indo aos países de procura junto com a Polícia.

Depois de muita procura, em 19 de agosto de 2014, às 13h25, em Assunção, no Paraguai, o médico foi encontrado próximo a uma escola. Ele estava supostamente deixando seus dois filhos gêmeos, de 3 anos, na aula. O médico havia casado com uma ex procuradora, Larissa, e

com ela havia tido dois filhos, uma menina e um menino, gêmeos, e estaria morando em um bairro nobre da capital. Igualmente, ele havia mudado seu nome para Ricardo, um empresário que vivia no Paraguai. No dia seguinte, dia 20, Roger já estava no Brasil sendo encaminhado para a Penitenciária II de Tremberé, em SP.

Essa descoberta foi um prato cheio para o jornalismo. Grandes veículos foram até o local e fizeram grandes reportagens sobre como que foram esses três anos de vida no Paraguai de um dos criminosos mais procurados do Brasil. Inclusive entraram em sua residência, mostraram o luxo em que ele vivia e conversaram com vizinhos e com pessoas próximas.

De volta ao Brasil, os defensores do médico ainda aguardavam a decisão do recurso proferido contra a condenação em primeira instância. Mesmo foragido, os advogados ainda poderiam recorrer aos tribunais superiores. Da mesma forma, a Promotoria acabou recorrendo à decisão, mas para aumentar a pena para 278 anos, aceita.

Em 2014, alguns crimes acabaram prescrevendo, e a pena abaixou para 181 anos, sendo que, pela Constituição, a pessoa só pode cumprir 30 anos.

Durante esse tempo, preso desde 2011, o ex médico passou por diversos problemas de saúde e, entre eles, uma cardiopatia grave, a qual fez ele passar por uma cirurgia para a colocação de um Stent.

Agora, em maio de 2017, aos 73 anos, após passar por dificuldades em uma pneumonia, a juíza da Primeira Vara de Execuções Criminais de Taubaté, Sueli Zeraik de Oliveira Armani, determinou que ele cumprirá o resto de sua pena em casa.

O médico então, foi encaminhado para seu apartamento em SP, onde viverá com sua mulher e seus dois filhos.

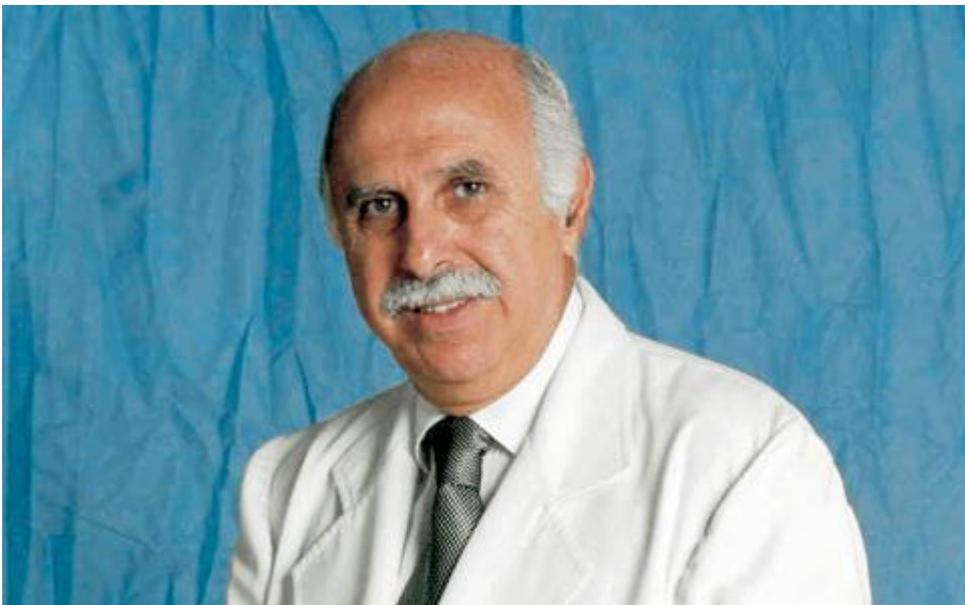
O caso todo deu uma repercussão gigantesca na mídia, desde as primeiras acusações, em 2009, tanto após a prisão do médico em 2011. Ao todo, nesses 8 anos, foram mais de 600 notícias online da *Folha de São Paulo*, veículo que lançou o caso.

Em questões éticas, a mídia fez o certo. Ela ouviu os dois lados, e deu o direito à informação previsto no Código dos Jornalistas. Ela também denunciou o criminoso e não impediu a manifestação de opiniões

divergentes (no caso, do médico). Da mesma forma, o jornalismo buscou provas (mesmo que tenham sido os depoimentos iniciais) para mostrar o apurado de forma real. Toda a apuração do caso foi um gancho para o resultado final da justiça. O Estado e a Imprensa se uniram para chegarem à uma decisão.

Com certeza, a matéria inicial de Lilian Christofolletti foi uma grande responsável para tudo o que aconteceu. Na matéria a jornalista conseguiu depoimentos não dados à polícia, resultando na coragem de outras mulheres para acusarem também o médico. Da mesma forma, a entrevista de Roger, posterior à matéria, foi essencial para a maior apuração do caso na polícia e também para novas conclusões. Se não fosse o jornalismo, talvez o caso não tivesse repercutido tanto, menos mulheres teriam tido a coragem de dizerem o que sofreram e o acusado estaria cumprindo uma pena menor (e injusta), ou talvez já estivesse até livre e continuando atendendo outras pacientes e repetindo o crime.

O jornalismo foi um exemplo do “quarto poder” dando certo. Ele encorajou quem estava acovardado e denunciou quem era o culpado.



Roger Abdelmassih. Fonte: jb.fm



Lilian

Christofolletti.

Fonte:

[pinterest.com/lilianchristofolletti](https://www.pinterest.com/lilianchristofolletti)



Roger e família. Fonte: ISTOE

#### Referências:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger\\_Abdelmassih](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger_Abdelmassih)

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2009/01/488123-medico-e-investigado-por-supostos-crimes-sexuais.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2009/01/488125-medico-ve-conspiracao-de-concorrentes-para-prejudica-lo.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1895721-abdelmassih-chega-a-apartamento-de-alto-padrao-para-prisao-domiciliar.shtml>